



Estudos de Psicologia

ISSN: 1413-294X

revpsi@cchla.ufrn.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Brasil

Antoniazzi, Adriane Scomazzon; Dell'Aglio Dalbosco, Débora; Bandeira, Denise Ruschel
O conceito de coping: uma revisão teórica
Estudos de Psicologia, vol. 3, núm. 2, julio-diciembre, 1998, pp. 273-294
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26130206>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O conceito de *coping*¹: uma revisão teórica

Adriane Scomazzon Antoniazzi

Débora Dalbosco Dell'Aglio

Denise Ruschel Bandeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O conceito de *coping* tem sido descrito como o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas ou estressantes. O presente artigo apresenta os modelos de *coping* de Folkman e Lazarus, e de Rudolph, Denning e Weisz, bem como suas diferentes posições teóricas e metodológicas. As definições de estilos e estratégias de *coping*, sua eficácia e possíveis relações com traços de personalidade são discutidas. É salientada a necessidade de uma teoria de *stress-coping* específica para crianças, tendo em vista as mudanças cognitivas que ocorrem no curso de seu desenvolvimento. Este artigo apresenta também questões controversas sobre o tema e aponta a necessidade de pesquisas sobre *coping* no Brasil, para auxiliar na compreensão e desenvolvimento deste conceito.

Palavras-chave:

Coping, Stress,
Estratégias de
coping, Estilos
de coping

Abstract

The concept of coping: A theoretical review. The concept of coping has been described as the set of strategies utilized by individuals in order to adapt themselves to adverse or stressful events. This review presents two process models of coping: one by Folkman and Lazarus, and the other by Rudolph, Denning and Weisz, as well as their different theoretical and methodological assumptions. The definitions of styles and strategies of coping, their effectiveness and possible

Key Words:
Coping, Stress,
Coping
strategies,
Coping styles.

relationships to personality traits are discussed. The need for a theory of stress-coping specific for children is emphasized, due to the cognitive changes which occur along their development. Controversial issues about the subject are discussed and the need for research in Brazil about coping is pointed. This procedure would be helpful for the understanding and development of this concept.

O *coping* é concebido como o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias diversas. Os esforços despendidos pelos indivíduos para lidar com situações estressantes, crônicas ou agudas, têm se constituído em objeto de estudo da psicologia social, clínica e da personalidade, encontrando-se fortemente atrelado ao estudo das diferenças individuais. Historicamente, três gerações de pesquisadores têm-se dedicado ao estudo do *coping*. Diferenças marcantes podem ser observadas em suas construções, tanto a nível teórico quanto a nível metodológico, decorrentes de suas filiações epistemológicas (Suls, David & Harvey, 1996).

Desde o início do século, pesquisadores vinculados à psicologia do ego têm concebido o *coping*, enquanto correlato aos mecanismos de defesa, motivado interna e inconscientemente como forma de lidar com conflitos sexuais e agressivos (Vaillant, 1994). Eventos externos e ambientais, posteriormente incluídos como possíveis desencadeadores dos processos de *coping* foram, a exemplo dos mecanismos de defesa, categorizados hierarquicamente no sentido dos mais imaturos aos mais sofisticados e adaptativos (Tapp, 1985). Assim, para esta primeira geração de pesquisadores, o estilo de *coping* utilizado pelos indivíduos era concebido como estável, numa hierarquia de saúde versus psicopatologia.

A partir desta perspectiva inicial, algumas distinções foram sendo feitas no sentido de diferenciar os mecanismos de defesa do *coping* propriamente dito. A principal modificação feita neste sentido consis-

tiu na distinção entre os comportamentos associados aos mecanismos de defesa, classificados como rígidos, inadequados com relação à realidade externa, originários de questões do passado e derivados de elementos inconscientes. Já os comportamentos associados ao *coping* foram classificados como mais flexíveis e propositais, adequados à realidade e orientados para o futuro, com derivações conscientes. Esta abordagem tem sido bastante criticada em função das dificuldades teóricas da psicologia do ego de testar empiricamente suas concepções (Folkman & Lazarus, 1980).

A partir da década de 60, estendendo-se pelas duas décadas seguintes, uma segunda geração de pesquisadores apontou para uma nova perspectiva com relação ao *coping*. Esta nova tendência buscou enfatizar os comportamentos de *coping* e seus determinantes cognitivos e situacionais (Suls, David & Harvey, 1996). Pesquisadores passaram a conceitualizar *coping* como um processo transacional entre a pessoa e o ambiente, com ênfase no processo, tanto quanto em traços de personalidade (Folkman & Lazarus, 1985). Esta época foi marcada por importantes avanços na área, que geraram inúmeras publicações, em especial pelo grupo de Lazarus e Folkman (Folkman & Lazarus, 1980, 1985; Lazarus & Folkman, 1984).

Mais recentemente, uma terceira geração de pesquisadores têm-se voltado para o estudo das convergências entre *coping* e personalidade. Esta tendência têm sido motivada, em parte, pelo corpo cumulativo de evidências que indicam que fatores situacionais não são capazes de explicar toda a variação nas estratégias de *coping* utilizadas pelos indivíduos. Por outro lado, o interesse despertado pela credibilidade científica dos estudos sobre traços de personalidade, em especial, o modelo dos Cinco Grandes Fatores tem ampliado os estudos nesta direção (Holahan & Moos, 1985; McCrae & Costa, 1986; O'Brien & DeLongis, 1996; Watson & Hubbard, 1996). Os traços de personalidade mais amplamente estudados, que se relacionam às estratégias de *coping*, são otimismo, rigidez, auto-estima e *locus* de controle (Carver & Scheier, 1994; Carver, Scheier & Weintraub, 1989; Compas, Banez, Malcarne & Worsham, 1991; Lopez & Little, 1996; Parkes, 1984).

Muitos dos artigos publicados sobre *coping* referem-se à construção de instrumentos de medida. Embora muitos anos de desenvolvimento teórico e pesquisa tenham se passado, e uma grande variedade de inventários e checklists tenham sido desenvolvidos (por exemplo, Amirkhan, 1990; Carver, Scheier & Weintraub, 1989; Endler & Parker, 1990; Folkman & Lazarus, 1980), não chegamos, ainda, a um entendimento compreensivo da estrutura do *coping*.

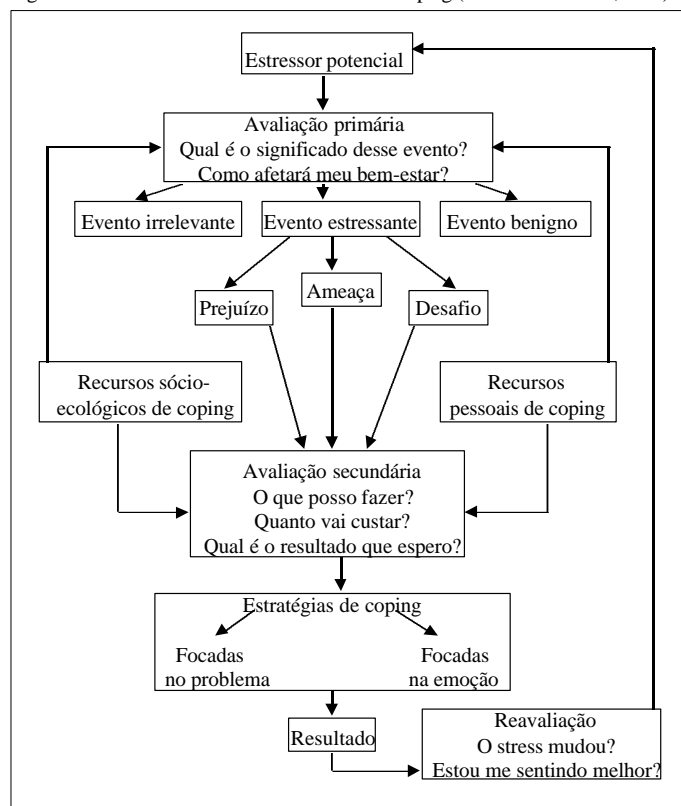
Modelos de Coping

Numa perspectiva cognitivista, Folkman e Lazarus (1980) propõem um modelo que divide o *coping* em duas categorias funcionais: *coping* focalizado no problema e *coping* focalizado na emoção. Esta construção baseou-se em análises fatoriais que geraram dois fatores principais utilizados pelos pesquisadores para definir os dois tipos de estratégias de *coping*. Nesta perspectiva, *coping* é definido como um conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de *stress* e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo seus recursos pessoais (Lazarus & Folkman, 1984). Esta definição implica que as estratégias de *coping* são ações deliberadas que podem ser aprendidas, usadas e descartadas. Portanto, mecanismos de defesa inconscientes e não intencionais, como negação, deslocamento e regressão, não podem ser considerados como estratégias de *coping*. Além disso, somatização, dominação e competência são vistos como resultados dos esforços de *coping* e não como estratégias (Ryan-Wenger, 1992).

O modelo de Folkman e Lazarus (1980) envolve quatro conceitos principais: (a) *coping* é um processo ou uma interação que se dá entre o indivíduo e o ambiente; (b) sua função é de administração da situação estressora, ao invés de controle ou domínio da mesma; (c) os processos de *coping* pressupõem a noção de avaliação, ou seja, como o fenômeno é percebido, interpretado e cognitivamente representado na mente do indivíduo; (d) o processo de *coping* constitui-se em uma mobilização de esforço, através da qual os indivíduos irão empreender esforços cognitivos e comportamentais para administrar (reduzir, minimizar ou tolerar) as demandas internas ou externas que surgem da

sua interação com o ambiente (Figura 1). Este modelo tem sido referido como o mais compreensivo dos modelos existentes (Beresford, 1994).

Figura 1 - Modelo de Processamento de Stress e Coping (Lazarus e Folkman, 1984)

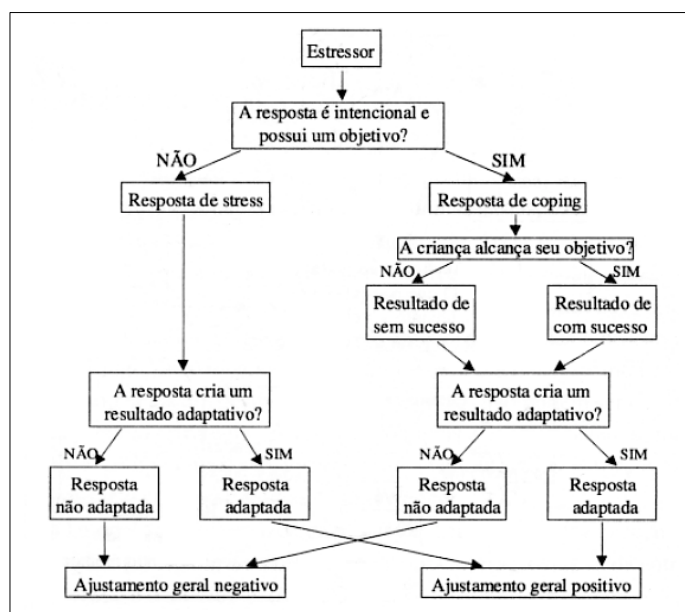


Rudolph, Denning e Weisz (1995) apontaram contradições nas definições de *coping* realizadas por diferentes autores. Por definição, *coping* é visto como um mediador entre um estressor e o resultado advindo desse estressor (Folkman & Lazarus, 1980; Peterson, 1989). Contudo, há uma relação intrínseca entre as estratégias de *coping* e

seus resultados. Este fato tem provocado confusão acerca do que seriam tentativas de *coping* e resultados de *coping* (Peterson, 1989), ou recursos de *coping* e resultados de *coping* (Beresford, 1994).

Estas dificuldades levaram Rudolph e colaboradores (1995) a propor que o *coping* deveria ser entendido como um episódio (Figura 2), no qual há uma tentativa de separação entre três aspectos fundamentais: uma resposta de *coping*, um objetivo subjacente a essa resposta e um resultado. Tal resposta deve ser diferenciada de uma resposta de *stress*, que é não intencional e sem objetivo.

Figura 2 - Esquema de coping e Stress (Rudolph, Denning & Weisz, 1995)



Nesta perspectiva, considera-se que a resposta de *coping* é uma ação intencional, física ou mental, iniciada em resposta a um estressor percebido, dirigida para circunstâncias externas ou estados internos (Lazarus & Folkman, 1984). A resposta de *stress* é qualquer resposta envolvendo uma reação emocional ou comportamental espontânea. O objetivo de *coping* constitui-se, desta forma, na intenção de uma res-

posta de *coping*, geralmente orientada para a redução do *stress*. Ao propor este esquema, os autores salientam a diferença entre resultados de *coping*, que são as conseqüências específicas da resposta de *coping* e os resultados de *stress*, ou seja, as conseqüências imediatas da resposta de *stress*. Ambos podem promover, ou não, a adaptação do indivíduo.

Para Rudolph e colaboradores (1995), o episódio de *coping* faz parte de um processo (Figura 3) que sofre influência de múltiplas variáveis. Dois conceitos encontram-se envolvidos nesse processo, os moderadores e os mediadores. Estas variáveis costumam ser utilizadas indistintamente na pesquisa em psicologia social, mas foram diferenciadas por Baron e Kenny (1986) e traduzidas para o *coping* por Rudolph e colaboradores (1995). Os moderadores são caracterizados como variáveis que afetam a direção ou a intensidade da relação entre uma variável independente e uma variável dependente. Em termos de *coping*, essa variável seria aquela pré-existente que influenciaria o resultado de *coping*, mas que não seria influenciada pela natureza do estressor ou pela resposta de *coping*. Mais especificamente, os moderadores refletiriam as características da pessoa (nível de desenvolvimento, gênero, experiência prévia, temperamento), do estressor (tipo, nível de controlabilidade), do contexto (influência paterna, suporte social) bem como a interação entre esses fatores.

Os mediadores, por sua vez, são definidos como mecanismos através dos quais a variável independente é capaz de influenciar a variável dependente. Especificamente no *coping*, estes mecanismos seriam, por exemplo, a avaliação cognitiva e o desenvolvimento da atenção. Sua característica principal é que eles seriam acionados durante o episódio de *coping*, em oposição aos moderadores, que seriam pré-existentes (Rudolph, Denning & Weisz, 1995).

A falta de unanimidade com relação a estes conceitos tem levado os pesquisadores na área a adotarem diferentes nomenclaturas para descrever construtos similares. Desta forma, o que Rudolph e colaboradores (1995) têm descrito como moderadores pode ser relacionado ao conceito de recursos pessoais e sócio-ecológicos de *coping*, descritos por Beresford (1994). Os recursos pessoais de *coping* são, se-

segundo este autor, constituídos por variáveis físicas e psicológicas que incluem saúde física, moral, crenças ideológicas, experiências prévias de *coping*, inteligência e outras características pessoais. Os recursos sócio-ecológicos, encontrados no ambiente do indivíduo ou em seu contexto social, incluem relacionamento conjugal, características familiares, redes sociais, recursos funcionais ou práticos e circunstâncias econômicas.

Segundo sua proposição, a disponibilidade de recursos afeta a avaliação do evento ou situação e determina que estratégias de *coping* o indivíduo pode usar. Geralmente, as pesquisas têm focalizado os fatores sócio-ecológicos, pois eles são mais facilmente mensuráveis do que os recursos pessoais (Billings & Moss, 1984; Mellins, Gatz, & Baker, 1996; Weisz, McCabe, & Denning, 1994).

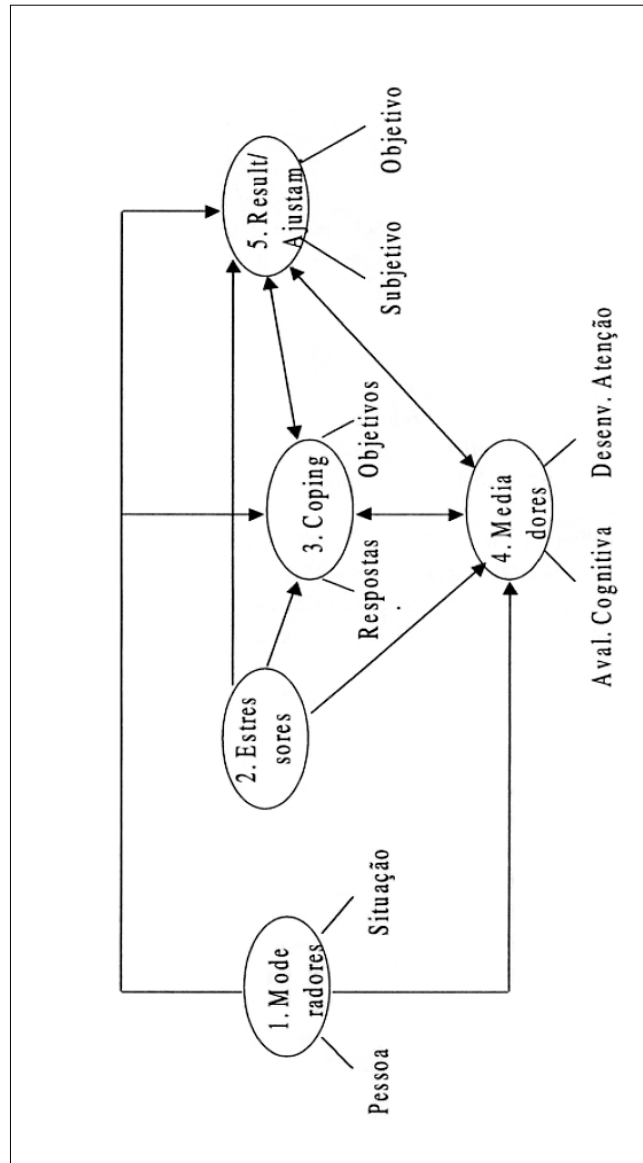
Os recursos sócio-ecológicos podem, entretanto, atuar como fatores de risco e de resistência ao ajustamento do indivíduo. Neste sentido, os recursos de *coping* estão, segundo Beresford (1994), fortemente vinculados à noção de vulnerabilidade, já que a vulnerabilidade aos efeitos do *stress* é mediada por recursos de *coping*. Dependendo da qualidade e da disponibilidade destes recursos, o sujeito torna-se mais vulnerável ou mais resistente aos efeitos adversos do *stress*. *Stress* e vulnerabilidade podem ser um círculo vicioso, em que o *stress* afeta os recursos de *coping* e incrementa a vulnerabilidade.

Estilos e Estratégias de Coping

Tratando-se de *coping*, é importante distinguir entre o que os pesquisadores têm denominado estratégias de *coping* e estilos de *coping*. Embora esta distinção não seja completamente consensual, sua descrição faz-se necessária para uma mais ampla compreensão deste conceito.

Em geral, os estilos de *coping* têm sido mais relacionados a características de personalidade ou a resultados de *coping*, enquanto as estratégias se referem a ações cognitivas ou de comportamento tomadas no curso de um episódio particular de *stress*. Embora os estilos possam influenciar a extensão das estratégias de *coping* selecionadas,

Figura 3 - Modelo de relações entre coping, estresse, moderadores e resultados/ajustamento (Rudolph, Denning & Weisz, 1995)



eles são fenômenos distintos e têm diferentes origens teóricas (Ryan-Wenger, 1992).

Estilos de Coping

Segundo Carver e Scheier (1994), as pessoas desenvolvem formas habituais de lidar com *stress* e estes hábitos ou estilos de *coping* podem influenciar suas reações em novas situações. Estes autores definem o estilo de *coping* não em termos de preferência de um aspecto de *coping* sobre outros, mas em termos de tendência a usar uma reação de *coping* em maior ou menor grau, frente a situações de *stress*. No entanto, os estilos de *coping* não necessariamente implicam a presença de traços subjacentes de personalidade que predispõem a pessoa a responder de determinada forma. Ao invés disso, os estilos de *coping* podem refletir a tendência a responder de uma forma particular quando confrontados com uma série específica de circunstâncias.

Na literatura sobre *coping* (Compas, 1987; Rudolph et al., 1995), diversas conceitualizações ou tipologias têm sido apresentadas focalizando traços ou estilos de personalidade relacionadas ao *coping*. Destacam-se o estudo dos modelos de personalidade de tipo A e tipo B, monitorador e desatento, repressor e sensível, primário e secundário, passivo e ativo, aproximação e evitação, direto e indireto, pró-social e anti-social. Embora apresentados por diferentes autores, estes estilos de *coping* apresentam muitos elementos em comum, sendo que alguns deles podem ser vistos como paralelos.

O comportamento tipo A é conceitualizado por Mathews (1982) como um estilo distinto de *coping* com eventos potencialmente incontrolláveis. A ênfase é colocada em três componentes do comportamento do padrão A: luta competitiva, um senso de urgência e impaciência e agressividade-hostilidade. Tem sido observado que o padrão de comportamento do tipo A faz mais esforços para controlar uma situação do que o padrão do tipo B. Altos níveis de comportamento tipo A são inversamente relacionados com o nível de empatia, sugerindo que a competitividade, impaciência e os sentimentos hostis a ele relacionados podem desviar o indivíduo da preocupação com o bem-estar dos outros. Não têm sido revelados efeitos da idade so-

bre o comportamento tipo A, mas um efeito de gênero tem se mostrado consistente, sendo que os meninos têm apresentado maior comportamento Tipo A do que as meninas, em todas as idades.

Miller (1981) apresenta dois estilos de *coping* denominados monitorador e desatento, e que se referem ao estilo de atenção do indivíduo em situação de *stress*. O indivíduo representante do estilo monitorador utiliza estratégias que envolvem estar alerta e sensibilizado a aspectos negativos de uma experiência, apresentando uma atenção vigilante, procurando informações e visualizando a situação para controlá-la. O estilo desatento envolve distração e proteção cognitiva de fontes de perigo. O indivíduo apresenta um comportamento de desatenção, tendendo a se afastar da ameaça, distrair-se e evitar informações, postergando uma ação.

A tipologia de *coping* primário e secundário é apresentada por Band & Weisz (1988), segundo a qual primário significa o *coping* utilizado com o objetivo de lidar com situações ou condições objetivas, e o secundário envolve a capacidade de adaptação da pessoa às condições de *stress*. O estilo de *coping* passivo versus ativo (Billings & Moss, 1984; Holahan & Moss, 1985) considera ativo o *coping* no qual há esforços de aproximação do foco de *stress*, enquanto o estilo passivo evitaria o foco de *stress*. Estes estilos também são paralelos ao da tipologia aproximação versus evitação, que inclui vários tipos de estratégias de *coping* relacionadas aos comportamentos de aproximação e evitação da situação estressante, busca de informação e evitação de informação, focalização da atenção e distração e, ainda, passividade e atividade (Rudolph et al., 1995).

Outras pesquisas (Altshuler & Ruble, 1989; Berg, 1989; Compas et al., 1991) também apresentam o comportamento de *coping* em crianças através da dimensão de atividade (direta ou indireta) e de sociabilidade (pró-social ou anti-social). No estilo de atividade direta, as estratégias utilizadas objetivam especificamente ao estressor, enquanto que no estilo de atividade indireta, as estratégias procuram evitar ou remediar as consequências do estressor. No estilo de *coping* pró-social, o sujeito procura a ajuda de outros, enquanto que no estilo anti-social há uma ação agressiva contra outros.

Estratégias de coping

Ao contrário dos estilos de *coping*, ligados a fatores disposicionais do indivíduo, as estratégias de *coping* têm sido vinculadas a fatores situacionais. Folkman e Lazarus (1980) enfatizam o papel assumido pelas estratégias de *coping*, apontando que estas estratégias podem mudar de momento para momento, durante os estágios de uma situação estressante. Dada esta variabilidade nas reações individuais, estes autores defendem a impossibilidade de se tentar prever respostas situacionais a partir do estilo típico de *coping* de uma pessoa.

As estratégias de *coping* refletem ações, comportamentos ou pensamentos usados para lidar com um estressor (Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongis & Gruen, 1986). Segundo Folkman e Lazarus (1980), estas estratégias podem ser classificadas em dois tipos, dependendo de sua função. O *coping* focalizado na emoção é definido como um esforço para regular o estado emocional que é associado ao *stress*, ou é o resultado de eventos estressantes. Estes esforços de *coping* são dirigidos a um nível somático e/ou a um nível de sentimentos, tendo por objetivo alterar o estado emocional do indivíduo. Por exemplo, fumar um cigarro, tomar um tranqüilizante, assistir a uma comédia na TV, sair para correr, são exemplos de estratégias dirigidas a um nível somático de tensão emocional. A função destas estratégias é reduzir a sensação física desagradável de um estado de *stress*.

O *coping* focalizado no problema constitui-se em um esforço para atuar na situação que deu origem ao *stress*, tentando mudá-la. A função desta estratégia é alterar o problema existente na relação entre a pessoa e o ambiente que está causando a tensão. A ação de *coping* pode ser direcionada internamente ou externamente. Quando o *coping* focalizado no problema é dirigido para uma fonte externa de *stress*, inclui estratégias tais como negociar para resolver um conflito interpessoal ou solicitar ajuda prática de outras pessoas. O *coping* focalizado no problema, e dirigido internamente, geralmente inclui reestruturação cognitiva como, por exemplo, a redefinição do elemento estressor.

Para Folkman e Lazarus (1980), o uso de estratégias de *coping* focalizando o problema ou a emoção depende de uma avaliação da situação estressora na qual o sujeito encontra-se envolvido. Existem

dois tipos de avaliação de acordo com esta teorização. A avaliação primária é um processo cognitivo através do qual os indivíduos checam qual o risco envolvido em uma determinada situação de *stress*. Na avaliação secundária as pessoas analisam quais são os recursos disponíveis e as opções para lidar com o problema. Em situações avaliadas como modificáveis, o *coping* focalizado no problema tende a ser empregado, enquanto o *coping* focalizado na emoção tende a ser mais utilizado nas situações avaliadas como inalteráveis (Folkman & Lazarus, 1980).

A importância do *coping* focalizado no problema ou focalizado na emoção pode variar em resposta a diferentes tipos de *stress* ou diferentes momentos no tempo. Para Carver e Scheier (1994), estas duas categorias são facilmente percebidas à princípio, mas seus efeitos podem ser confundidos. O *coping* focado na emoção pode facilitar o *coping* focado no problema por remover a tensão e, similarmente, o *coping* focado no problema pode diminuir a ameaça, reduzindo assim a tensão emocional. Os estudos indicam que ambas as estratégias de *coping* são usadas durante praticamente todos os episódios estressantes, e que o uso de uma ou de outra pode variar em eficácia, dependendo dos diferentes tipos de estressores envolvidos (Compas, 1987).

Mais recentemente, foi apresentada uma terceira estratégia de *coping* focalizada nas relações interpessoais, na qual o sujeito busca apoio nas pessoas do seu círculo social para a resolução da situação estressante. A idéia deste tipo de resposta iniciou com o trabalho de Coyne e DeLongis (1986) e foi estudada mais aprofundadamente por O'Brien e DeLongis (1996), com o objetivo de entender melhor o papel da personalidade e dos fatores situacionais na escolha das estratégias de *coping*.

Eficácia das estratégias de coping

Outro aspecto controverso na literatura do *coping* diz respeito à eficácia das estratégias empregadas pelos indivíduos durante os episódios de *coping*. De acordo com Beresford (1994), embora o julgamento sobre a eficácia ou adaptabilidade das estratégias de *coping* tenha se mostrado extremamente subjetivo em muitas pesquisas, *coping* deve ser visto como independente do seu resultado. No modelo de *coping* e *stress* proposto por Lazarus e Folkman (1984), qualquer tenta-

tiva de administrar o estressor é considerado *coping*, tenha ela ou não sucesso no resultado. Desta forma, uma estratégia de *coping* não pode ser considerada como intrinsecamente boa ou má, adaptativa ou mal adaptativa. Torna-se então necessário considerar a natureza do estressor, a disponibilidade de recursos de *coping* e o resultado do esforço de *coping*.

Para Compas (1987), ambas as estratégias de *coping*, focalizada no problema e focalizada na emoção são importantes, mas a sua eficácia é caracterizada por flexibilidade e mudança. Novas demandas requerem novas formas de *coping*, pois uma estratégia não é eficaz para todos os tipos de *stress*. O resultado de uma estratégia de *coping* é difícil de avaliar porque pode mudar com o tempo. Além disso, uma estratégia de *coping* que alivia imediatamente o *stress* pode ser a causa de dificuldades posteriores. Beresford (1994) salienta que o processo de *coping* não pode ser simplificado pois, quando um indivíduo lida com um estressor, as estratégias de *coping* são utilizadas individualmente, consecutivamente e em combinação. Assim, o impacto de uma estratégia de *coping* pode ser confundida pelo efeito de outras estratégias.

Coping e desenvolvimento

Lazarus e DeLongis (1983) indicam claramente que os processos de *coping* variam com o desenvolvimento da pessoa. Essa variabilidade ocorre devido a grandes modificações que se processam nas condições de vida, através das experiências vivenciadas pelos indivíduos. Segundo este ponto de vista, não somente o envelhecimento é levado em consideração, mas também o significado dos eventos estressantes nos diversos momentos da vida dos indivíduos. Devido a essa variabilidade, os autores defendem a idéia de que o *coping* seja estudado longitudinalmente.

A maioria dos trabalhos sobre processos de *coping* na criança tem usado a teoria de *stress* de Lazarus e Folkman (1984), que descreve um processo recíproco de avaliação cognitiva de recursos de *coping* e de estressores. No entanto, Compas (1987) aponta a necessidade de alterações para aplicar as noções de *stress* e *coping* às ações de crianças e adolescentes. Para entender os recursos, estilos e esforços de *coping* na infância é necessário compreender melhor seu contexto

social, tendo em vista a dependência da criança em relação ao adulto para sua sobrevivência. Além disso, os esforços de *coping* da criança são delimitados por sua preparação biológica e psicológica para responder ao *stress*. Por outro lado, as características básicas do desenvolvimento cognitivo e social tendem a afetar o que as crianças experimentam como *stress* e como elas lidam com situações estressantes. Estão incluídas nessas características as crenças sobre a auto-percepção e auto-eficácia, mecanismos inibitórios e de auto-controle, atribuição de causalidade, relacionamento com pais e amigos, entre outras.

Por outro lado, Ryan-Wenger (1992) salienta a necessidade de uma teoria de *stress-coping* específica para a criança, considerando que os estressores da criança não são os mesmos do adulto. Os estressores da criança se referem a situações com os pais, com outros membros da família, professores ou condições sócio-econômicas que estão fora de seu controle direto. Muitos estressores são mais difíceis de serem modificados pela própria criança do que pelos adultos. O nível de desenvolvimento cognitivo também influencia a utilização de determinadas estratégias, pois a avaliação de um estressor envolve vários processos simultâneos: a criança precisa relacionar o evento estressante com a lembrança de eventos semelhantes enfrentados em outros momentos, necessita definir os parâmetros do evento estressante, tais como a intensidade potencial e a duração e, ainda, avaliar a probabilidade de ocorrência do evento além de sua durabilidade (Peterson, 1989).

Estudos de *coping* em crianças têm investigado eventos de vida considerados estressantes, tais como situações envolvendo o divórcio dos pais, situações de hospitalização da criança, consultas médicas e odontológicas e situações relacionadas a resultados escolares. (Ayers, Sandler, West, & Roosa, 1996; Carson & Bittner, 1994; Compas, Malcarne, & Fondacaro, 1988; Kliewer, & Sandler, 1993; Weisz et al, 1994). Nestas pesquisas têm sido descritas potenciais diferenças relacionadas à gênero e idade no uso das estratégias de *coping*. Tem sido verificado que o gênero pode influenciar a escolha das estratégias de *coping* porque meninos e meninas são socializados de forma diferente. As meninas podem ser socializadas para o uso de estratégias pró-sociais

enquanto que os meninos podem ser socializados para serem independentes e utilizar estratégias de *coping* competitivas (Lopez & Little, 1996).

Quanto à idade, Heckhausen e Schulz (1995) sugerem que as habilidades necessárias para usar *coping* focalizado no problema ou focalizado na emoção emergem em diferentes pontos do desenvolvimento. Para Compas e colaboradores (1991), as habilidades para *coping* focalizado no problema parecem ser adquiridas mais cedo, nos anos pré-escolares, desenvolvendo-se até aproximadamente 8 a 10 anos de idade. As habilidades de *coping* focalizado na emoção tendem a aparecer mais tarde na infância e se desenvolvem durante a adolescência, já que as crianças muito pequenas ainda não têm consciência de seus próprios estados emocionais. Além disto, aprender as habilidades relacionadas ao *coping* focalizado na emoção através de processos de modelagem é mais difícil do que aprender as habilidades de *coping* focalizadas no problema, mais facilmente observadas pelas crianças no comportamento dos adultos. Os adolescentes utilizam mais *coping* focalizado na emoção do que as crianças, mas não diferem de jovens adultos, sugerindo que estas mudanças no desenvolvimento de *coping* ocorrem até o final da adolescência (Compas et al, 1991).

Diversas pesquisas têm buscado relacionar os processos de *coping* com adaptação ao *stress* durante a infância e adolescência. Estes trabalhos têm investigado, mais especificamente, o *coping* relacionado a apego e separação durante a infância, suporte social, resolução de problemas interpessoais e cognição, *coping* em contextos aquisitivos, resiliência e invulnerabilidade ao *stress*, regulação da emoção, temperamento entre outros (Carson & Bittner, 1994; Dweck, Goetz, & Strauss, 1980; Hock & Clinger, 1981; Lopez & Little, 1996; Rossman, 1992).

Questões para pesquisas futuras

Um dos pontos ainda controversos e que necessita mais pesquisas refere-se aos construtos envolvidos nos modelos de *coping*. Por exemplo, a separação entre tentativa de *coping* e sua resposta é necessária para que se possa utilizar este conceito como preditor de ajustamento e para evitar achados circulares (Folkman, 1984; Peterson, 1989).

Por outro lado, confusões teóricas na utilização de conceitos como estilos, estratégias e tipologias deveriam ser melhor investigadas. A

grande diversidade de modelos e tipologias existentes originou o surgimento de uma infinidade de instrumentos que trabalham taxonomias diversas. Porém, se analisados mais detidamente, percebe-se que esses conceitos possuem o mesmo significado, sendo apenas nomeados de forma diferente (Amirkhan, 1990; Carver et al., 1989; Endler & Parker, 1990).

Duas relevantes questões que dizem respeito ao estudo de *coping* estão relacionadas à estabilidade e à consistência na avaliação deste conceito. A estabilidade aponta para a manutenção no uso de estratégias de *coping* com o passar do tempo. No entanto, os pesquisadores têm discordado quanto a melhor forma de se levantar dados sobre *coping*, questionando a influência da memória nas apreciações que os indivíduos fazem das estratégias que comumente utilizam frente a eventos estressantes (Suls et al., 1996). Um episódio de *coping*, avaliado logo após a sua ocorrência, tende a ser diferentemente descrito quando comparado a episódios mais antigos (McCrae & Costa, 1986).

A consistência do *coping* encontra-se vinculada à noção de que a forma de lidar com situações estressoras é compatível com traços de personalidade, que se mantêm através de uma variedade de situações e através do tempo. Esta noção tem implicações para a associação entre personalidade e *coping* (Watson & Hubbard, 1996). Estudos têm demonstrado que as pessoas são mais variáveis que consistentes em suas estratégias de *coping* em diferentes situações (Compas et al., 1988; Folkman & Lazarus, 1980). Entretanto, as informações coletadas até o momento não são suficientes para determinar a influência dos fatores situacionais e disposicionais sobre o *coping*, impedindo que melhores previsões possam ser feitas sobre seu desenvolvimento.

Quanto a avaliação do *coping* na criança, faz-se necessária a construção de um modelo específico que desse conta das diferenças evolutivas marcantes, assim como a adequação dos instrumentos a esta população (Ryan-Wenger, 1992). No Brasil, poucos pesquisadores têm-se dedicado a esta área. Alguns estudos realizados de mestrado e doutorado têm buscado investigar *coping* e suas relações com situações de *stress* e aspectos psicopatológicos (Chaves, 1994; Cunha, 1997; Ferraz, 1988; Ribeiro, 1995; Savoia, 1995). Correspondendo à grande necessidade de se produzirem instrumentos adaptados e váli-

dos que favoreçam a pesquisa em *coping* no Brasil, Savóia, Santana e Mejias (1996) publicaram uma adaptação do *Inventário de Estratégias de Coping* de Folkman e Lazarus.

Instrumentos válidos teriam especial utilização nos estudos com crianças em situação de risco. A realidade brasileira mostra que a exposição a situações de *stress*, em seu cotidiano, tem levado muitas crianças e adolescentes a desenvolverem problemas de conduta e desequilíbrios emocionais e evolutivos. Entretanto, muitos outros têm superado as adversidades impostas pelo ambiente e têm se desenvolvido de forma adaptada, estudando e trabalhando (Hutz, Koller & Bandeira, 1996). Estes indivíduos, apesar de sujeitos a situações que tendem a interferir negativamente no curso de seu desenvolvimento, apresentam bons resultados em termos comportamentais e de conduta adaptativa (Zimmerman & Arunkumar, 1994). Entre os fatores que viabilizam esta adaptação, atuando como elementos de proteção, encontra-se o *coping*.

Por estas razões, faz-se necessário o desenvolvimento de estudos sobre *coping*, através de trabalhos teóricos e, principalmente, empíricos que venham a contribuir para a criação de programas de intervenção e políticas sociais adequadas à população brasileira.

Referências

- Amirkhan, J.H. (1990). A factor analytically derived measure of coping: The coping strategy indicator. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1066-1074.
- Ainsworth, M. D. S. (1979). Infant-mother attachment. *American Psychologist*, 34, 932-937.
- Altshuler, J. L., & Ruble, D. N. (1989). Developmental changes in children's awareness of strategies for coping with uncontrollable stress. *Child Development*, 60, 1337-1349.
- Ayers, T. S., Sandler, I. N., West, S.G., & Roosa, M. W. (1996). A dispositional and situational assessment of children's coping: Testing alternative models of coping. *Journal of Personality*, 64, 923-958.
- Band, E. B., & Weisz, J. R. (1988). How to feel better when it feels bad: children's perspectives on coping with everyday stress. *Developmental Psychology*, 24, 247-253.
- Baron, R., & Kenny, D. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic,

- and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-1182.
- Beresford, B. A. (1994). Resources and strategies: how parents cope with the care of a disabled child. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35, 171-209.
- Berg, C. A. (1989). Knowledge of strategies for dealing with everyday problems from childhood through adolescence. *Developmental Psychology*, 25, 607-618.
- Billings A. G., & Moos, R. H. (1984). Coping, stress, and social resources among adults with unipolar depression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 877-891.
- Carson, D. K., & Bittner, M. T. (1994). Temperament and school-aged children's coping abilities and responses to stress. *The Journal of Genetic Psychology*, 155(3), 289-302.
- Carver, C. S., Scheier, M. F., & Weintraub, J. K. (1989). Assessing coping strategies: A theoretically based approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 267-283.
- Carver, C. S., & Scheier, M.F. (1994). Situational coping and coping dispositions in a stressful transaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 184-195.
- Chaves, E. C. (1994). *Stress e trabalho do enfermeiro: a influência de características individuais no ajustamento e tolerância ao turno noturno*. Resumo de: DEDALUS: Tese de Doutorado, USP, São Paulo, Brasil.
- Compas, B. E. (1987). Coping with stress during childhood and adolescence. *Psychological Bulletin*, 101, 393-403.
- Compas, B. E., Malcarne, V. L., & Fondacaro, K. M. (1988). Coping with stressful events in older children and young adolescents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56, 405-411.
- Compas, B. E., Banez, G. A., Malcarne, V., & Worsham, N. (1991). Perceived Control and Coping with stress: a developmental perspective. *Journal of Social Issues*, 47(4), 23-34.
- Coyne, J.C., & DeLongis, A. (1986). Going beyond social support: The role of social relationship in adaptation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54, 454-460.
- Cunha, M. I. (1997). *Trabalho em turno noturno e a sexualidade humana: um caminhar na contra-mão*. Resumo de: DEDALUS: Dissertação de Mestrado, USP, Ribeirão Preto, Brasil.
- Dweck, C. S., Goetz, T. E., & Strauss, N. L. (1980). Sex differences in learned helplessness: An experimental and naturalistic study of failure generalization and its mediators. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 441-452.

- Endler, N.S., & Parcker, J. D. A. (1990). Multidimensional assessment of coping: A critical evaluation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 844-854.
- Ferraz, A. E. P. (1988). *Busca de informações: uma estratégia de "coping"*. Resumo de: DEDALUS: Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, Brasil.
- Folkman, S. (1984). Personal control and stress and coping processes: A theoretical analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 839-852.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21, 219-239.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1985). If it changes it must be a process: A study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 150-170.
- Folkman, S., Lazarus, R.L., Dunkel-Schetter, C., DeLongis, A., & Gruen, R. (1986). Dynamics of a stressful encounter: Cognitive appraisal, coping, and encounter outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 992-1003.
- Heckhausen, J., & Schulz, R. (1995). A life spans theory of control. *Psychological Review*, 102, 284-304.
- Hock, E., & Clinger, J. B. (1981). Infant coping behaviors. *Journal of Genetic Psychology*, 138, 231-243.
- Holahan, C.J., & Moos, R.H. (1985). Life stress and health: Personality, coping, and family support in stress resistance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 739-747.
- Hutz, C. S., Kohler, S. H., & Bandeira, R. D. (1996) Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. *Coletâneas da ANPEPP*, 1(12), 79-86.
- Kliewer, W., & Sandler, I. N. (1993). Social competence and coping among children of divorce. *American Journal of Orthopsychiatric*, 63, 432-440.
- Lazarus, R. S., & DeLongis, A. (1983). Psychological stress and coping in aging. *American Psychologist*, 38, 245-254.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Lopez, D. F., & Little, T. D. (1996). Children's action-control beliefs and emotional regulation in the social domain. *Developmental Psychology*, 32, (2), 299-312.
- Mathews, K. A. (1982). Psychological perspectives on the Type A behavior pattern. *Psychological Bulletin*, 91, 293-323.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. Jr. (1986). Personality, coping, and coping effectiveness in an adult sample. *Journal of Personality*, 54, 385-405.

- Mellins, C.A., Gatz, M., & Baker, L. (1996). Children's Methods of coping with stress: A twin study of genetic and environmental influences. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 37, 721-730.
- Miller, S. M. (1981). Predictability and human stress: Toward clarification of evidence and theory. *Advances in Experimental Social Psychology*, 14, 203-255.
- O'Brien, T. B., & DeLongis, A. (1996). The interactional context of problem-, emotion-, and relationship-focused coping: The role of the big five personality factors. *Journal of Personality*, 64, 775-813.
- Parkes, K.R. (1984). Locus of control, cognitive appraisal, and coping in stressful episodes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 655-668.
- Peterson, L. (1989). Coping by children undergoing stressful medical procedures: Some conceptual, methodological, and therapeutic issues. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57, 380-387.
- Ribeiro, M. A. T. (1995). *Mulheres revascularizadas e hipertensas: o coping falhou? – relação entre variáveis psicossociais de stress e doenças coronarianas e hipertensivas em mulheres*. Resumo de: DEDALUS: Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, Brasil.
- Rossmann, B. B. R. (1992). School-age children's perceptions of coping with distress: strategies for emotion regulation, and moderation of adjustment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 33, 1373-1397.
- Rudolph, K. D., Denning, M. D., & Weisz, J. R. (1995). Determinants and consequences of children's coping in the medical setting conceptualization, review, and critique. *Psychological Bulletin*, 118, 328-357.
- Ryan-Wenger, N.M. (1992). A taxonomy of children's coping strategies: A step toward theory development. *American Journal of Orthopsychiatry*, 62, 256-263.
- Savóia, M. G. (1995). *Relação entre eventos vitais e mecanismos de coping no transtorno do pânico*. Resumo de: DEDALUS: Tese de Doutorado, USP, São Paulo, Brasil.
- Savóia, M. G., Santana, P. R., & Mejias, N. P. (1996). Adaptação do inventário de estratégias de coping de Folkman e Lazarus para o português. *Psicologia USP*, 7, 183-201.
- Suls, J., David, J.P., & Harvey, J.H. (1996). Personality and Coping: Three Generations of Research. *Journal of Personality*, 64, 711-735.
- Tapp, J. T. (1985). Multisystems holistic model of health, stress and coping. Em: *Stress and coping*. Field, T. M., McCabe, P. M., & Schneiderman (Eds.). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Vaillant, G.E. (1994). Ego mechanisms of defense and personality psychopathology. *Journal of Abnormal Psychology*, 103, 44-50.

- Watson, D. & Hubbard, B. (1996). Adaptational style and dispositional structure: Coping in the context of the Five-Factor Model. *Journal of Personality*, 64, 737-774.
- Weisz, J. R., McCabe, M., & Denning, M. D. (1994). Primary and secondary control among children undergoing medical procedures: Adjustment as a function of coping style. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 62, 324-332.

Nota ¹ Por não haver, na língua portuguesa, uma palavra única que expresse a complexidade do termo *coping* e para facilitar a recuperação de informações por interessados no tema, optamos por não traduzir este termo. A tradução da palavra *coping* pode significar “lidar com”, “enfrentar” ou “adaptar-se a”.

Adriane Scomazzon Antoniazzi, Débora Dalbosco Dell'Aglio e Denise Ruschel Bandeira são doutorandas do Curso de Pós-Graduação – Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia - UFRGS, Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 120, Fone: (051) 316-5352, Fax: (051) 330-4797, E-mail: bandeira@vortex.ufrgs.br.

Sobre as autoras